ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS

(Discurso de posse na Academia Amazonense de Letras, em 27 de janeiro de 1967).

Secretaria de Imprensa e Divulgação
Manaus Amazonas

A princípio foi a "Muraida", um poema escrito por HENRIQUE JOÃO WILKENS, em língua mura, traduzido para o português pelo padre CIPRIANO PEREIRA ALHO, vigário de Moura e com edição feita em Lisboa no ano de 1819. Havia ali o registro poético da vitória do colonizador e conquistador sôbre a multidão nativa que, durante cêrca de cem anos, lutara para manter-se em liberdade. Espécie de canto heróico do tipo dos "Luzíadas", da "Araucaneia" e do "Maranon", "Muraida" foi a primeira página de nossa realização intelectual, começado, como começa geralmente a vida literária de qualquer povo - na emoção da poesia e em tôrno aos valôres humanos e às espécies físicas que definem a terra, o espaço, o ambiente e a humanidade local. Depois vieram as descrições dos viajantes, as memórias dos cronistas, os relatos minuciosos das autoridades, valendo tudo como epítomes de interpretação do complexo regional, representado na fôrça da natureza e na ação da sociedade mestiça que se elaborava sem grande velocidade.

Éramos, não podia ser de outra forma, o reflexo do que Portugal representava no campo da inteligência. Nada se criava aqui que não fôsse um reflexo de imaginação, de certo modo objetiva, que permitira aos portuguêses ampliar o mundo, retificar noções científicas e incorporar novos grupos sociais, descobrir outras culturas e impor a civilização européia , que êles representavam no século XVI. Quando "Muraida" veio ao mundo, já caminhávamos para o nosso destino soberano. Brasileiros reformavam a Universidade e lhe comunicavam sentido novo de ação educadora e renovadora. Brasileiros escreviam, naquele momento, as grandes páginas da aventura intelectual, reincorporando Portugal à estrutura espiritual do Velho Mundo. Éramos a dinâmica que valia ao grande império, a nova substância que lhe permitiria viver por mais algum tempo com dignidade, participando da invenção cultural.

É tempo de explicar que, durante tôda a sua existência, aquêle pedaço da Ibéria, de tantas tradições e de tanta energia, não se realizara através do pensamento filosófico, que lhe garantisse, senão uma autonomia, uma contribuição ponderável àquelas preocupações. Faltava-lhe conteúdo próprio. O arejamento que os chamados "estrangeirados" provocavam, não se distinguira, neste particular. A Escolástica exercia o seu papel, dominando em profundidade. Vernei não adiantara um passo nessa direção. Tudo isso ia explicar por que não seria expressiva a participação brasileira, da colônia aos nossos dias, nas indagações e cogitações filosóficas. Enquanto na América Espanhola, nas cátedras universitárias, como nos livros que se editavam, havia a preocupação filosófica, no Brasil-Colônia o aparecimento de um MATIAS AIRES RAMOS DA SILVA D'EÇA, ou de um FELICIANO BITENCOURT, com as "Reflexões sôbre a Vaidade dos Homens" e os "Discursos Moraes e Políticos", constituia episódio sem repercussão no cenário regional.

Sob o Império, recebida a influência francesa, criadas as Instituições Universitárias, representadas nas Faculdades isoladas de Direito, Medicina e Engenharia, começaram certas mudanças. O que se pensava lá fora passou a nos vir diretamente. Não experimentávamos mais o contrôle do intermediário. Nem por isso, no entanto, conseguimos criar aquela substancia de imaginação que nos levasse à pesquisa da alma humana, dos problemas do sêr, ao exame dos enígmas da vida e à compreensão do nosso mundo interior. Divulgamos, para nós próprios, a filosofia francesa. Lemos a filosofia inglêsa que conduzira à Grande Revolução. Os princípios liberais, que orientavam a nossa vida política, enraizavam-se nas idéias que importávamos. O original era muito pouco. Veio depois a ciência Alemã, de que tínhamos notícia pelas produções ousadas de um TOBIAS BARRÊTO e de um SÍLVIO ROMERO. Ainda desta vez, nem mesmo o exótico da natureza e dos sêres humanos que se transformavam aqui nas linhas da aculturação cada vez mais profunda, autorizava qual

quer contribuição em têrmos de indagação filosófica.

Os que nos estudam, tentando a exegese de nossa vida, de nossas preocupações, de nossas peculiaridades como expressão de um humanismo na luta, cheia de êxito, para amansar o espaço e criar um viço novo que os trópicos autorizariam, todos êles são unânimes em explicar nossas deficiências como uma decorrência daquele passado ibérico, que não se afirmara no mundo da filosofia. É certa a conclusão. Mas é difícil aceitar-se a tese de que, sob uma paisagem rica, sob experiências tão admiráveis de condicionamento e integração sociais, não tivéssemos podido caminhar com o sentido no universo para a grande tarefa da cogitação filosófica. A nossa pobreza é, por isso mesmo, espantosamente rica. Vejam-se os catálogos de pretensos pensadores não políticos e o que êles nos ensinam é a existência de uma atividade que tem permitido a nossa interpretação dos fenômenos sociais, econômicos, étnicos, mas não tem autorizado o aparecimento de uma interpretação filosófica.

TOBIAS, permitam-me o que há muitos pode parecer uma heresia, foi um divulgador admirável. Um divulgador e não um criador. FARIAS BRITO constitui uma pequena exceção. Pensa e tenta criar. Indaga e comunica. Não realiza obra própria que lhe garanta um êxito maior. Em estilo próprio, com alta sabedoria, talvez a muitos parecendo um clarão na mansidão reinante, na verdade foi também um divulgador. Genial, é certo, mas um divulgador. ROBLEDO e CRUZ COSTA, na compreensão que tentaram sôbre a atividade filosófica do Brasil, não conseguiram justificar a posição de FARIAS BRITO como um criador.

Ora, era êsse o grande panorama, como ainda é hoje, dêsse tipo de atividade entre nós. Mesmo nos grandes centros, onde há tôda uma obra de civilizações em têrmos de alta cultura, mesmo nesses centros, insistimos, os estímulos à percepção filosófica não encontravam campo próprio.

Enquanto isso, o Teatro, o Romance, a Novela, a Poesia, o Ensaio, a Crônica, a História, a Sociografia, desenvolviam-se de tal forma que há hoje um acêrvo admirável que pode constituir, realmente, o melhor da nossa contribuição para a inteligência universal.

Que temos feito, no Amazonas, depois da "Muraida", dos cronistas, dos relatos oficiais, das discrições dos viajantes? A escola chegou-nos tarde, quase no final do século XVIII. Nosso primeiro homem de letras, porque, aqui nascido, foi TENREIRO ARANHA, que fêz Teatro e Poesia. Mereceu louvores do Conde dos Arcos e recebeu Mercês Régias e empregos do Estado. Mais tarde, foi a vez de um outro, WILKENS DE MATTOS, militar como aquêle da "Muraida", de quem era filho. Escritor de boas águas, deixou, no entanto, muito pouco de sua atividade intelectual. Ainda sob o Império, criamos uma Sociedade de Geografia, que repetia a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Fizemos o teatro de estudantes e de comerciários. Os jornais e as revistas eram pobres e davam pouco relêvo à inteligência regional. Os inventários que devemos a ANÍSIO JOBIM, DJALMA BATISTA e AGNELO BITTENCOURT não indicam nomes que tenham merecido maior atenção. Nos Almanaques provinciais fazia-se a pequena aventura da inteligência.

CELSO MENEZES fazia poesia. APRÍGIO MENEZES explorou a História da Província. O "rush" da borracha trouxe dezenas de homens feitos, boas expressões de cultura, que começaram a renovação.

E os filhos da terra, aquêles que aqui haviam nascido, como se comportavam no momento histórico que nos lançava para o mundo e garantia ao Brasil perspectivas quase ilimitadas de poder econômico e de poder financeiro? Faziam pouco, fôrça é confessar. E no entanto as livrarias de Manaus vendiam o que de melhor se escrevia lá fora. Educávamo-nos na Europa. O Teatro Amazonas abria-se às companhias de fama internacional. A imprensa tomava novos ares

- informava, noticiava e educava! Era imprensa, realmente, naquelas finalidades de que nunca se devia afastar. O Teatro Amazonas, em todo êsse panorama, no entanto, é que nos representava como realização intelectual e artística. Os edifícios públicos que se levantavam, numa arquitetura que era desafio ao que se construia nas outras capitais do Brasil, podiam ser tidas também como expressões da emoção espiritual que andava em nós. Volto a insistir - e como se comportavam os amazonenses, se é que havia disponibilidades de amazonenses para tôdas as áreas de trabalho?

MÁRCIO NERY, LIMA BACURY, BERNARDO RAMOS compunham uma trilogia excepcional. MÁRCIO NERY, com a sua Geografia Médica do Amazonas; LIMA BACURY, com as suas noções de botânica e suas Efemérides Amazonenses, destinadas no entrevero político; BERNARDO RAMOS, com seu Catálogo de Numismática, rompiam as limitações vigentes. Mas eram três, apenas. Concordemos - pouco demais. Seriam só êsses? Lá fora, ou aqui mesmo, não haveria outros?

A política do espírito não foi nunca uma preocupação dos governantes, que não se esclareciam nas providências que criassem condições para as realizações da inteligência. Digam-me - a Biblioteca Pública e a Numismática, como o Teatro, serão respostas contundentes ao que estamos afirmando. Não satisfazem como resposta porque não explicam nem justificam a existência de uma política do espírito, que fizesse nascer o escritor. E tanto assim, que isso não ocorreu. Os escritores não surgiram. No entanto, como havia matéria prima abundante a explorar como motivo para a Poesia, para o Ensaio, para o Romance, para a Novela e para o próprio Teatro! E tanto assim, que estranhos, como ALBERTO RANGEL, EUCLIDES DA CUNHA e QUINTINO CUNHA, beberam aquela seiva estuante e fizeram o "Inferno Verde", "À Margem da História" e "Pelo Solimões", com que se consagraram e justificaram o cosmo amazônico, o amargo da terra, o drama da floresta e o exotismo da própria humanidade local.

É momento de fazer uma confissão - em meio

a essa modôrra e a essa inexpressividade do contingente amazonense , houve a exceção, através de uma família privilegiada: os Tapajós. MANOEL , TORQUATO e ESTELITA integraram essa família admirável , representada em três figuras que brilharam muito. Os Tapajós não eram uma gente humilde nas suas raízes do tempo. Tinham vindo do Pará, na época da Cabanagem. O nome adotado fôra tirado de um barco em que faziam o comércio. Em Manaus, a família se estabilizara e se multiplicara, aceitando o desafio da terra nova.

O Dr. MANOEL era engenheiro e escreveu estudos sôbre a nossa fronteira com Mato Grosso. O Dr. TORQUATO, também engenheiro e sanitarista, escreveu, com aquêle irmão, livros sôbre a nossa fronteira com Mato Grosso e com o Pará, fêz a análise do Dicionário de MOREIRA PINTO, na parte referente ao Vale do Amazonas, escreveu ainda admiráveis memórias sôbre o saneamento do Rio de Janeiro. Por fim, a "Climatologia Médica do Amazonas", ainda hoje obra de consulta, escrita com paixão e com alto conhecimento dos temas que abordou.

O terceiro foi o Dr. ESTELITA. Médico, psiquiatra, com formação científica que lhe deu posição de maior relêvo, não em sua terra mas em São Paulo.

Êste nascera em Manaus, a 5 de janeiro de 1860. Aqui fizera os seus estudos primários. Em Belém, o Curso Secundário. No Rio de Janeiro, matriculou-se na Academia de Medicina, quando trabalhou no Hospital Nacional de Alienados "D. Pedro II". Concluído o Curso Superior, defendeu tese "Psiquiatria", recebendo o gráu de Doutor em Medicina. Exerceu, logo a seguir, a direção da Casa de Saúde do Dr. Eiras. Viajou pela Europa e, ao regressar, têve estadia rápida no Rio, transferindo-se para São Paulo, onde se veio a casar com D. FRANCISCA SIMÕES . Da capital paulista, e após uma temporada em Itatiaia, passou a residir em S. Miguel do Paraíso, na região da Sorocabana. Faleceu a 3 de dezembro de 1902.

Homem da melhor formação literária, lido em francês e inglês no que havia de melhor na literatura daquelas línguas. Usava barba e nazareno, tinha fisionomia pálida e triste, segundo o seu biógrafo, o Dr. ÁLVARO GUERRA, no opúsculo intitulado "Um Filósofo". Sua bagagem bagagem literária não é grande. Escreveu: "Psycho-physiologia da Percepção e das Representações", "Cormubiose Orgânica", "Biologie Synthetique" e "Ensaios de Filosofia e Ciências". Êste último recebeu prefácio de SÍLVIO ROMERO, que o considerava uma das mais expressivas figuras da inteligência brasileira.

Nos "Ensaios de Filosofia e Ciências", editado em São Paulo em 1898 e de que só conheci um exemplar, que tive em mãos quando era estudante, o da Biblioteca do Ginásio Amazonense, hoje Colégio Estadual do Amazonas, ESTELITA TAPAJÓS adotou o monismo haekeliano, com modificações pedidas a SPENCER, afirma o padre LEONEL FRANCA, no capítulo referente ao Brasil de sua "História da Filosofia". A grande novidade da filosofia, no momento, eram justamente a Spenceriana e a Haekeliana. O Dr. ESTELITA adotava-as.

Sua produção literária não sofreu ainda o exame dos especialistas. É de difícil acesso e talvez, por isso mesmo, não tenha havido a curiosidade para examiná-la e compreendê-la. Seria essa uma das tarefas que eu sugeriria aos docentes e discentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Amazonas. Num País de tanta pobreza, como já vimos, à volta das cogitações filosóficas e das análises psico-fisiológicas, a produção de um ESTELITA TAPAJÓS não pode deixar de merecer uma análise. Que teria êle dado de essencial, como contribuição pessoal, como mera divulgação e como fruto de uma inteligência que se realizava na observação que os médicos podem possuir e lhes garante tanta segurança nas conclusões?

A obra do Dr. ESTELITA TAPAJÓS está pedindo um exame sereno, desapaixonado, para que lhe possamos assegurar a posição devida no quadro da cultura brasileira. Que

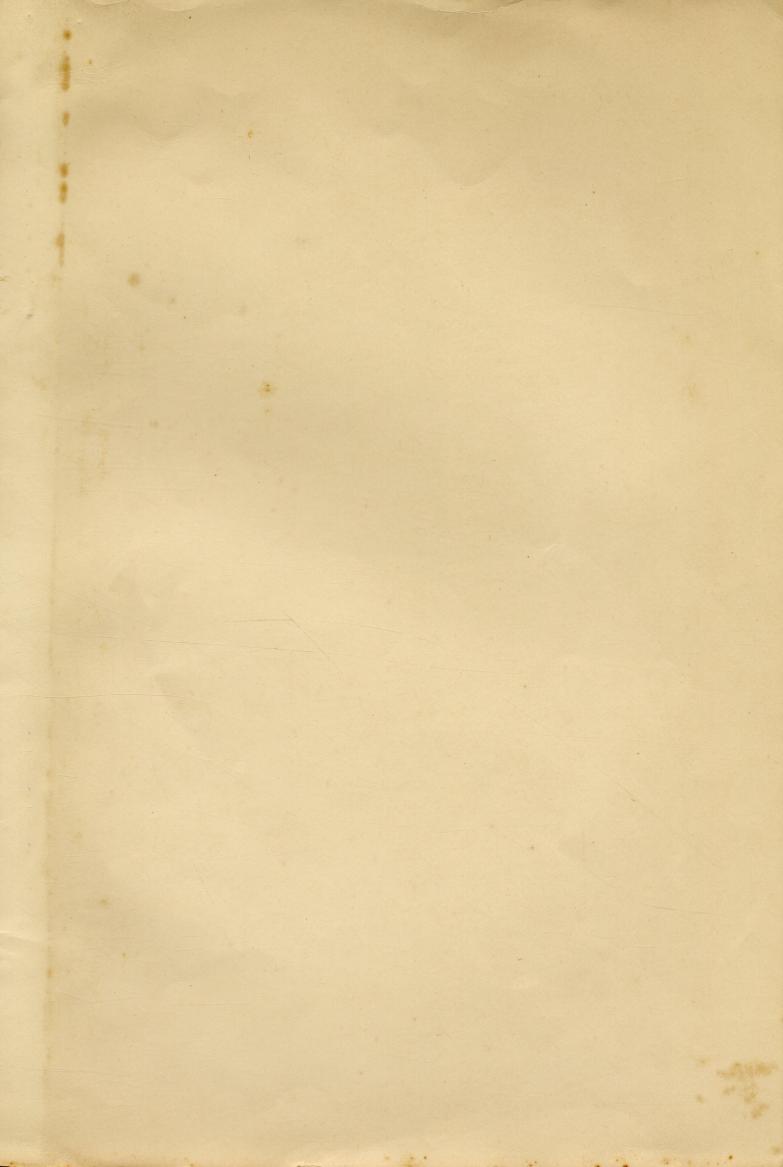
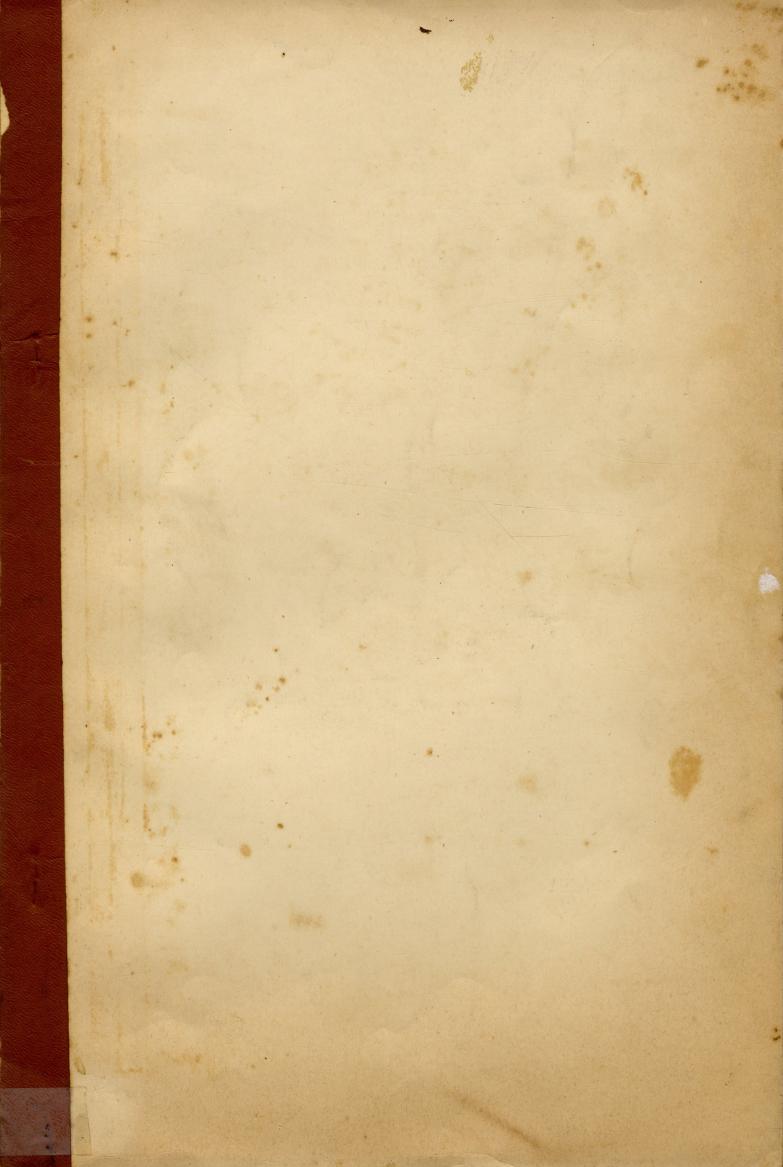
resultará dessa investigação? Como resistirá à crítica dos que lhe leiam as páginas e através delas sintam o seu pensamento, as fontes de sua formação e as intenções que possuia?

Coube-nos , nesta noite, em que a Academia Amazonense de Letras me recebe, como um de seus integrantes, pela palavra de DJALMA BATISTA, fazer um elogio do meu Patrono. Já lhe dei o nome a um dos três Ginásios que criei em Manaus. Sei que não é uma homenagem suficiente. A edição de sua obra, a elaboração de seu perfil precisam ser efetivados. O que pude fazer hoje, na rapidez desta oração, escrita em meio às obrigações de um fim de Govêrno que me absorveu a existência, trouxe-me lágrimas e poucas alegrias, importa muito pouco para o conhecimento de quem foi aquêle homem admirável, padrão de dignidade humana e exemplo de amor à cultura.

A galeria de amazonenses ilustres é, numèricamente, muito pobre. Ela cresce hoje, com novos valores que já se afirmam perante o Brasil. Nem por isso devemos ignorar aquêles que, sem frustrações, romperam as limitações do tempo e puderam criar beleza, forma de vida e deram uma contribuição, mesmo mínima, para que ao processo de desenvolvimento cultural do Brasil, pudéssemos apresentar, mesmo tìmidamente, alguma coisa de que não nos envergonhassemos. Acredito que o Dr. ESTELITA TAPAJÓS foi um dêsses valôres, com o direito de merecer a nossa admiração, o nosso respeito, o nosso agradecimento. Porque foi uma vida útil. Porque foi uma vida que serviu, na obra que deixou, a um ideal a refletir a emoção do espírito.

Senhores Acadêmicos:

Acreditem que me sinto muito grande porque começo a formar ao lado dos Senhores, que representam a excelência de nossas virtudes e de nossas ações, como fôr

ças de realização espiritual. Acreditem que serei um dos mais fiéis aos objetivos desta Casa. Aqui, ou lá fora, representarei a vossa e a energia dela. O meu Patrono, o Dr. ESTELITA TAPAJÓS, foi uma lição que desejo seguir, porque foi uma lição de severidades, de autenticidade e de amor à inteligência criadora.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de **Cultura**